

# AS CARETAS DO MINGAU: MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL EM DEFESA DO PATRIMÔNIO IMATERIAL DE SAUBARA (2015-2023)<sup>1</sup>

Lucas Cardoso dos Reis<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo visa discutir, o papel da memória histórica das Caretas do Mingau e como elas contribuem para a formação da identidade local. Entendendo que essa manifestação cultural refere-se a processos de luta política e de resistência, do protagonismo negro durante a Independência da Bahia. Uma vez que a história, enquanto construção social, influencia a memória coletiva, o estudo busca compreender a importância, tanto da memória, quanto das narrativas e estratégias usadas pelas Caretas do Mingau no processo da Independência da Bahia, para os próprios sujeitos criadores e comunidade local. Como a memória desconstrói padrões eurocêntricos do saber e colabora para a construção da identidade coletiva, o trabalho foi embasado nos autores Jacques Le Goff (1988) que aborda a relação complexa entre memória e identidade, Stuart Hall (1981) que analisa criticamente a cultura popular, Antonieta Antonacci (2017) que debate sobre a importância dos teatros da memória para a diáspora e Michael Pollak (1992) que discute sobre a importância da memória coletiva, para a construção da identidade social.

**Palavras-chaves:** Brasil - História - Independência nas províncias, 1822-1824 - Bahia; Caretas do Mingau; folclore - encenação - Saubara (BA); identidade social - Saubara (BA).

## ABSTRACT

This article aims to discuss the role of historical memory, porridge faces and how they contribute to the formation of local identity. Understanding that this cultural manifestation refers to processes of political struggle and resistance, of black protagonism, during the Independence of Bahia. Since history as a social construction influences collective memory. Thus, the study seeks to understand the importance of both memory and the narratives and strategy used by the porridge faces in the process of Independence in Bahia, for the creators themselves and the local community. Like memory, it deconstructs the Eurocentric standards of knowledge and collaborates for the construction of collective identity. For this, the work was based on the authors, Le Goff (1988) who addresses the complex relationship between memory and identity, Stuart Hall (1981) who critically analyzes popular culture, Antonieta Antonacci (2017) who debates the importance of theaters in memory for the diaspora and Michael Pollak (1992) who discusses the importance of collective memory for the construction of social identity.

**Keywords:** Brazil - History - Independence in provinces, 1822-1824 - Bahia; Caretas do Mingau; folklore - staging - Saubara (BA); social identity - Saubara (BA).

---

<sup>1</sup> Trabalho de conclusão de curso apresentado à Licenciatura em História da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Nuno Fernando de Pinho e Silva de Almeida Falcão.

<sup>2</sup> Bacharel em Humanidades e Licenciando em História pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

A Independência da Bahia ocorrida em 2 de julho de 1823 é um marco fundamental na história do Brasil, marcada por processos de lutas e resistência. No entanto, para compreendermos esse processo. É necessário analisar, não apenas os eventos oficiais, mas as narrativas e expressões culturais, que contribuíram para a vitória nacional. Como a manifestação cultural das Caretas do Mingau de Saubara, Bahia, que desde 2015<sup>3</sup> até o presente momento vem lutando frente aos órgãos do estado como o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), para serem reconhecidas como patrimônio imaterial.

As produções sobre esse rico capítulo da nossa história é importante, para desarquivarmos os episódios, que ficaram invisíveis perante a história oficial sobre a Independência da Bahia, perpetuada pela mídia e livros didáticos, exaltando o eurocentrismo e excluindo o protagonismo negro, como as Caretas do Mingau, para valorização desses mesmos sujeitos, participantes desse processo.

É nesse sentido, que este artigo propõe discutir, a importância da memória das Caretas do Mingau para a construção da identidade local, assim, como para desconstrução do saber hegemônico no imaginário coletivo dos sujeitos sociais criadores e da comunidade local.

Nesse contexto, a memória viva, enquanto performance social, tem o poder, de modificar as noções construídas ao longo do tempo, no imagético coletivo dos sujeitos sociais. Uma vez que a performance em execução, se torna um professor, ensinando para os seus próprios sujeitos sociais, narrativas que remetem a processos de resistência e luta política. Dissolvendo do imagético coletivo as ideias eurocêntricas do saber.

Por isso, a manifestação cultural das Caretas do Mingau, não representa apenas, um recorte fiel da Independência em Saubara<sup>4</sup>, Bahia, mas a necessidade e valores para a construção social de uma determinada sociedade. Se caracterizando, como uma memória coletiva, que molda a identidade saubarense ao longo do tempo.

Uma vez que as narrativas escritas por mãos brancas e o racismo epistêmico tem deixado a margem da historiografia, a história do negro no Brasil. A performance das Caretas do Mingau, possibilita uma forma de recuperação e reafirmação da identidade negra, uma associação entre os indivíduos criadores e apreciadores da cultura, com seu cotidiano, e história

---

<sup>3</sup> Em 2015 um documento feito pelos articuladores das Caretas do Mingau, foi enviado ao IPAC, esse período marca a luta pelo reconhecimento da performance como patrimônio imaterial. Porém, até o presente momento em 2023 esse objetivo não foi alcançado.

<sup>4</sup> Vale ressaltar, também, que assim, como a luta por políticas públicas que reconheçam a performance e sua importância como uma memória histórica que molda a identidade saubarense, continua também, darei continuidade a essa discussão em trabalhos futuros.

local, viabilizando a compreensão e conexão de processos complexos, sendo desmitificados, enquanto a performance está em execução.

Oportunizando os sujeitos criadores e comunidade, a se enxergarem fazendo parte de uma história coletiva e próxima, vivida e perpetuada pelos próprios moradores de Saubara, que fulgura e imortaliza a narrativa original desse episódio célebre da Independência da Bahia, (STUART 1992<sup>5</sup>).

Consequentemente, a memória cultural, sempre esteve em jogo, sendo disputado, politicamente, pois quem controla uma narrativa, de certa forma, tem controle sobre a construção da identidade local. Uma vez, que a identidade é flexível e, se modifica. No entanto, a performance cultural não é, segundo Stuart Haal na sua obra “Identidade Cultural na Pós-modernidade” de 1992, “a representação da performance é fixa, promovendo a reavaliação e renovação da identidade”.

Vale ressaltar, que nem sempre as manifestações culturais foram objetos de pesquisa, assim como as narrativas perpetuadas pela oralidade. Toda via, a manifestação cultural das Caretas do Mingau, sempre esteve em atividade, fazendo a manutenção da memória, através da performance e de todos os seus símbolos, sendo transmitidos de geração em geração. (POLLAK, 1989).<sup>6</sup>

Nessa perspectiva, trazemos as seguintes problematizações: como a memória das Caretas do Mingau, influência a construção da identidade local? Como essa performance cultural corrobora para a desconstrução do saber hegemônico no imagético coletivo?

O estudo tem como objetivos compreender os sentidos políticos, sociais e culturais da performance pública “As Caretas do Mingau”, para os seus próprios sujeitos sociais que a mantém; desconstruir a invisibilidade da participação dos saubarenses na Independência da Bahia; contribuir para a desconstrução do saber hegemônico e reafirmação da identidade negra, focalizando a importância dessa manifestação cultural para a construção da identidade local.

As reflexões, sobre as práticas culturais, produzidas pelos povos negros em processo de luta política e resistência e, sobre a importância dessa memória para a construção da identidade local, serão aqui fundamentadas por teóricos, principalmente do campo da história e sociologia, como, Lê Goff<sup>7</sup> e Stuart Hall<sup>8</sup> que destacam a importância da memória e das

---

<sup>5</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

<sup>6</sup> POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro. Tradução, Monique Augras. VOL. 5. N. 10. 1994.

<sup>7</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 1924. Tradução, Bernardo Leitão. SP editora. UNICAMP, 1990.

<sup>8</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

narrativas para a formação de identidades coletivas. Antonieta Antonacci<sup>9</sup>, que explora a relação entre memória identidade a partir de uma perspectiva local e Michael Pollak<sup>10</sup>, que analisa a importância dos rituais e das tradições na construção e manutenção da memória e da identidade de um grupo.

A investigação utilizou o tipo de pesquisa bibliográfica e qualitativa, na qual problematizamos, através de discussões com os autores que abordam sobre a temática, evidenciando como este poderá promover uma desconstrução do saber e reafirmação da identidade negra, assim, como a visibilidade desse processo que corroborou para a Independência da Bahia.

Nesse sentido, partindo da invisibilidade das Caretas do Mingau no processo da Independência da Bahia e da vivência de descaso dos órgãos públicos para com os sujeitos criadores e comunidade, o desenvolvimento dessa pesquisa impulsiona a criação de um documento relevante para a cidade de Saubara, enriquecendo não só a cidade, mas todo o recôncavo e o campo sociológico da cultura, disponível acerca da performance cultural, e da importância da memória para a construção da identidade local.

Levando esses discursos como prerrogativas, o estudo foi dividido em duas sessões. A primeira sobre a importância dessa memória para a construção da identidade local? E a segunda como a manifestação cultural das Caretas do Mingau de Saubara promove a desconstrução do saber e reafirmação da identidade negra?

Deste modo, salientamos a importância de discutirmos a magnitude dessas manifestações culturais, para entendermos os desdobramentos da Independência da Bahia, assim, como um meio de preservação da história do negro no Brasil e de construção da identidade de um povo.

---

<sup>9</sup> ANTONACCI, M. A. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2014.

<sup>10</sup> POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro. Tradução, Monique Augras. VOL. 5. N. 10. 1994.

## 2 SE O DOIS DE JULHO MORRER, O QUE SERÁ DE NÓS? MEMÓRIA E IDENTIDADE

É sabido, que a memória e a identidade social, são elementos intrinsecamente interligados e fundamentais para compreendermos a complexidade das relações humanas, formação de grupos e evolução das sociedades ao longo do tempo. Podemos entender, essa questão através da análise de Guilherme Ribeiro, sobre a obra “A identidade da França” de Fernand Braudel<sup>11</sup>, onde ele nos provoca a compreendermos, as estruturas e mudanças que ocorrem num período mais longo, as quais constitui a identidade nacional.

Deste modo, devido à complexidade que estão diante do tema que envolve a memória e identidade social, um certo número de pesquisas vem sendo publicadas, com o intuito de melhor entendimento da importância da memória para a construção da identidade social. Tendo como base os renomados historiadores como Lê Goff por meio do seu livro, “Memória e Identidade” Assim, como Stuart Hall e o seu livro “Identidade Cultural na Pós-modernidade”.

No entanto, a grande questão em jogo, se referindo ao tema, se dá pela crise de identidade, provocada pela modernidade tardia, que veem desfragmentando o indivíduo, do seu lugar de percepção de si mesmo e localização, dentro da esfera social. (STUART, 1992).<sup>12</sup>

Por meio da globalização e homogeneização cultural, que minimiza a identidade cultural, propagando a tecnologia, causando mudanças rápidas e profundas na sociedade, assim, como divisões e conflitos entre os sujeitos e os seus grupos sociais.

Nessa perspectiva, proponho-me aqui, dar continuidade, as discussões acerca da importância da memória para a construção da identidade social, no entanto, através da manifestação cultural das Caretas do Mingau de Saubara, sujeitos criadores e comunidade local.

Como o município de Saubara está localizado na região geográfica do Recôncavo baiano, um dos territórios de identidade do estado da Bahia, devido a sua geografia<sup>13</sup>, se tornou um ponto de acesso para a Coroa Portuguesa adentrar na Bahia, como podemos ver na imagem abaixo.

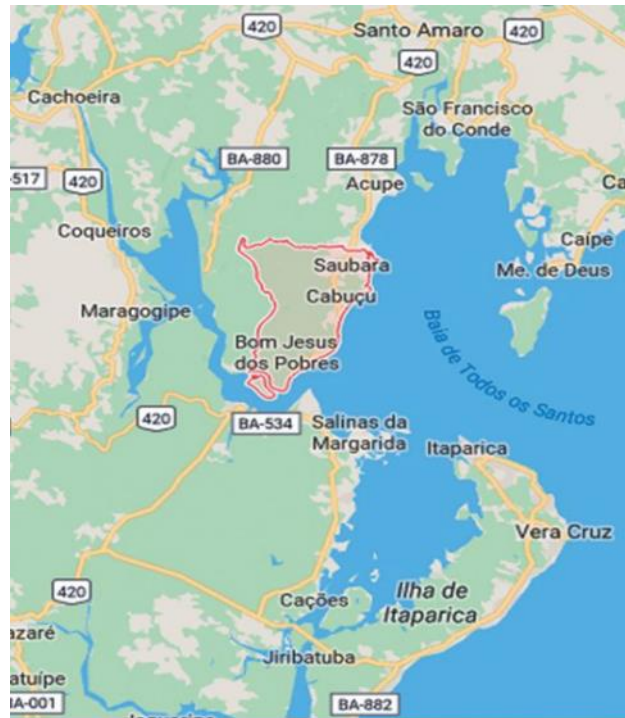
---

<sup>11</sup> RIBEIRO, Guilherme: História, Historiografia e identidade Nacional> Fernand Braudel. E o caso Francês: Projeto história. N.º, 41. Dezembro. 2010.

<sup>12</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

<sup>13</sup> As cidades localizadas na baía de todos os santos, no Recôncavo baiano, tem como aspecto predominante as relações sociais que se estabelecem num processo histórico combinatório (NARDIR, p.167, 2013.). Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/saubara.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2015

**Figura 1** - Região do Recôncavo. Mapa de Saubara do Catálogo Saubara em Movimento produzido pelo Ponto de Cultura, sede de Chegança



Fonte: Ponto de Cultura (2016).

Consequentemente, segundo a escritora saubarense Judite de Santana Barros<sup>14</sup>, em seu livro “Saubara dos Cantos, Contos e Encantos”, no meio da batalha, mulheres desenvolveram uma estratégia de guerra, na qual consistia, em se cobrir com panos brancos, munidas de panelas nas mãos, e em grupos saíam pela madrugada a fim de amedrontar os combatentes adversários.

Através dessa estratégia elas conseguiam alimentar seus filhos, e maridos que estavam nas trincheiras lutando, como também, expulsar os portugueses que haviam se instalado na região. Barros (2016, p. 1480, descreve que elas eram:

[...] vestidas com roupas esquisitas, esfarrapadas. Encaretadas com máscaras horríveis, com panelas contendo alimento nas cabeças, percorriam as ruas de Saubara, dizendo: Olha o mingau! Olha o mingau! Olha o mingau! Desta forma despistavam os inimigos portugueses e iam até a gruta levar comida para os maridos, os quais se escondiam para combater o inimigo português por terra.

<sup>14</sup> BARROS, Judite Santana. **Saubara dos cantos, contos e encantos**. Feira de Santana: Relomaq Gráfica Rápida, 2006

**Figura 2** - Mulheres distribuindo Mingau. Caretas do Mingau nas ruas de Saubara.

Neste dia a TV Bahia estava fazendo uma reportagem sobre elas

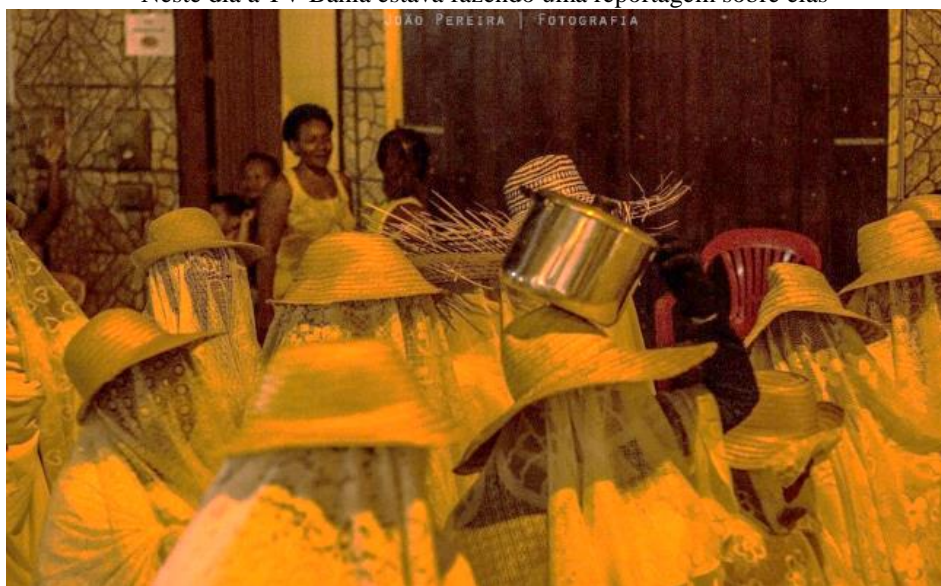


Foto: João Pereira, Saubara, 2015.<sup>15</sup>

No entanto, além, de desenvolverem essa estratégia de guerra, contradizendo a história oficial, contada e conhecida pelos que residem fora do município, essas mulheres além de levarem alimentos para seus maridos e filhos, também, pegaram em armas e como onças ferozes defenderam Saubara. Segundo o Dossier do Marechal Pedro Labatut<sup>16</sup> (1960, p. 80) “a luta se alonga por mais de seis horas; um assalto com desperdício de cartuchame. Os portugueses desistem do seu intento, para ameaçar Saubara, cujos defensores, sem distinção de sexo, dirigidos pelo padre Manuel José Gonçalves, os rechaçam”.

A história, contada por Judite e citada por Marechal Pedro Labatut, estão tão fixas na consciência dos saubarenses, quanto as narrativas oficiais sobre a Independência da Bahia nos livros didáticos. Uma vez que, mesmo entrevistando os saubarenses individualmente, eles relatam o acontecimento sincronizadamente. O que podemos ver nas entrevistas no decorrer do texto.

Essa íntima relação dos saubarenses com a memória das Caretas do Mingau, nos revela a invariabilidade da memória, assim, como um fenômeno coletivo e social. “A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas

<sup>15</sup> Nesse mesmo ano de 2015, a pedido do grupo das Caretas do Mingau, o Instituto (IPAC), se fez presente de forma técnica durante a performance das Caretas do Mingau. De acordo com o diretor geral do IPAC, João Carlos de Oliveira, a intenção era construir um dossiê único e propor ao Conselho Estadual de Cultura o registro do conjunto como Patrimônio Cultural Intangível da Bahia. Porém, até o ano presente, a luta pelo reconhecimento das Caretas do Mingau, como patrimônio imaterial continua. Mais, informações, consulte: <http://www.ipac.ba.gov.br/noticias/caretas-do-mingau-pode-integrar-dossie-de-comemoracoes-pela-independencia-da-bahia>.

<sup>16</sup> Dossier do Marechal Pedro Labatut, Affonso Ruy, 1960, ed. Biblioteca do Exército.

Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social”. (POLLAK. 1989, p. 2). É através, dessa invariabilidade que:

Há aproximadamente 100 anos, no mês de julho, anualmente, na madrugada do dia 1º para o dia 2, mulheres de variadas idades, religiosidades e profissões, saem em algumas ruas do município de Saubara trajadas com grandes panos brancos – em sua maioria são panos rendados – luvas e chapéu de palha, segurando colheres de pau e panelas de alumínio contendo mingaus de milho, carimã e tapioca, sacudindo chocalhos e gritando: “Olha o mingau! Olha o mingau”, com voz anasalada. (PEREIRA. Pp. 66).

**Figura 3** - Vó e Neta vestidas de Caretas do Mingau.

Madrugada do dia 2 de julho, as Caretas do Mingau, desfilam na cidade



Foto: Shirley Stolze / Ag. A TARDE<sup>17</sup>

Deste modo, a memória das Caretas do Mingau, além de revelar a sua invariabilidade, expressar também, sua imutabilidade, entendida também, através da execução da performance social. Nos seus trabalhos, Michael Pollak cita que: “Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos

<sup>17</sup> Em entrevista ao portal a tarde, Bel de Saubara, como é conhecido sobre a importância da visibilidade para agilizar a luta pelo reconhecimento da manifestação como patrimônio Imaterial e, como heroínas. Segundo Bel “Estão no mesmo patamar de Maria Felipa, Joana Angélica, Maria Quitéria”.

A entrevista contava com a presença da historiadora Vanessa Pereira, que ajudou a organizar a primeira edição do Turismo do Saber – Epistemologias do Sul: Uma visão de mundo saubarense sobre a Independência da Bahia. Que consistia em oferecer uma experiência cultural, histórica e filosófica na cidade de Saubara. Mais informações, consulte: <https://atarde.com.br/muito/saubara-preserva-tradicoes-como-as-caretas-do-mingau-e-ganha-roteiro-cultural->



lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”. (POLLAK, 1989, p, 2).

Toda via, uma vez que a globalização, definida por Stuart Hall como “um complexo de processos e forças de mudança”, que tem alterado através da propagação de saberes, as ideias que temos sobre nós mesmos. A memória das Caretas do Mingau, se torna um lugar de recuperação e reafirmação da identidade negra, dissolvendo os padrões eurocêtricos, impostos sobre a população negra, os aproximando do seu eu real.

O “Eu”, que se percebe no tempo, se integra socialmente e cria pertencimento através da memória. “Todas as identidades estão localizadas no espaço e nos tempos simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas "geografias imaginárias" (Said, 1990): suas "paisagens" características, seu senso de "lugar", de "casa/lar”. (STUART, 1992, P. 71).

No entanto, uma vez, que esse “Eu” é deslocado ou desintegrados desses lugares/memórias, isto pode, corroborar para criação de uma “crise de identidade”, que desfragmenta os sujeitos sociais, alterando a sua percepção de si mesmo. (STUART, 1992).<sup>18</sup>

Sendo assim, podemos entender, que a performance das Caretas do Mingau, enquanto unificação dos seus sujeitos criadores, criam os impasses, que impedem as forças fora de si mesmas, ou seja, as mudanças de permearem a memória, uma vez, que as mesmas além de sustentarem a identidade social do povo saubarense, promove o sentimento de identidade nacional.

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre "a nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam o seu presente com o seu passado e imagens que dela são construídas. (STUART, 1992).

---

<sup>18</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

**Figura 4** - As caretas entoando samba, na frente da casa da cabocla.

As Caretas do Mingau em frente à casa da Cabocla, entoando sambas e executando danças.



Foto: Secretaria de cultura do Estado da Bahia. 2016.

Podemos entender esse sentido, através da fala de Dona Domitíilha, que numa entrevista profere: “se o dois de julho morrer, o que será de nós?” Dona Domitíilha já falecida, como era conhecida, se tornou uma figura emblemática de Saubara, com a sua fala que perpassa gerações. Numa entrevista concedida a historiadora Vanessa Pereira<sup>19</sup>, para sua tese de mestrado, em 2017, seu Raimundo Moreira, aposentado e articulador do 2 de julho lembra:

Tinha Dona Domitíilha. Ela ficou na organização da festa durante um bom tempo. Ela que movimentava tudo aí. Eu lembro, que, quando ela parou de ir no cortejo, o cortejo parava na frente da casa dela para homenagear. Ela sacudia os braços com uma bandeirinha [...] Depois que ela morreu aí o cortejo parou de parar na casa dela. (PEREIRA, pp. 60).<sup>20</sup>

A frase mencionada por Dona Domitíilha, é reflexo do sentimento de pertencimento que os saubarenses possuem em relação à participação na luta pela Independência do Brasil. Elucida, a importância da memória das Caretas do Mingau, e a sua ligação com a identidade saubarense.

As palavras de Dona Domitíilha, representam o imagético coletivo do povo saubarense. Ela deixa claro, a ideia de uma identidade construída por uma memória. E o temor, dessa identidade não mais existir, pela falta de consciência produzida pela memória. “sem um sentimento de identificação nacional o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda subjetiva” (STUART, 1992, p, 48).

<sup>19</sup> ALMEIDA, VANESSA. P. A Guerra tem rosto de mulher: as caretas do mingau! narrativas da independência da Bahia em Saubara. 2017. Tese (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira. 2017.

<sup>20</sup> Depoimento de Seu Raimundo, 86 anos. Entrevista cedida em 09 de setembro de 2016, em Saubara, para historiadora Vanessa Pereira.

Sendo assim, “uma vez que as mudanças estruturais, tem desfragmentado as paisagens culturais, que no passado nos davam solidas localizações como indivíduos sociais, abalando a nossa identidade”. (STUART, 1992). <sup>21</sup>A memória das Caretas do Mingau, se torna um lugar de localização no tempo e espaço de homens e de mulheres negras, a lente pela qual os sujeitos sociais entendem a guerra e se percebem na sociedade, onde esses indivíduos podem se reintegrarem.

Através da memória e sentimentos revividos pela manifestação cultural, que modifica o social, enquanto está em execução. “quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.” (POLLAK, 1989, p. 5).

Esse sentimento, produzida pela memória e performance cultural das Caretas do Mingau, também é perceptível na fala de Dona Maria das folhas, umas das articuladoras mais velhas, que afirma: “tá ruim, sem animação, eu perdi a graça... Eu que não vou perder a graça nenhuma. Quando eu cheguei já encontrei o mundo (...). Eu não vou ficar o tempo todo imaginando a vida, que eu não vou dar jeito em nada.... Eu quero é <sup>22</sup>brincar<sup>23</sup>!” (PEREIRA, pp. 37).

Por meio dessa fala, podemos entender a memória das Caretas do Mingau, como uma forma de viver, e de se entender a vida. Nesse sentido, a memória não ganha caráter apenas imagético, mas corpóreo. A frase “Eu não vou ficar o tempo todo imaginando a vida”, nos possibilita entender, que Dona Maria não quer apenas imaginar a vida, ela quer viver, e que para ela, viver é sair de careta.

---

<sup>21</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

<sup>22</sup> Depoimento de Dona Maria da Cruz, conhecida como Dona Maria das Folhas, 92 anos. Entrevista concedida em 16 de outubro de 2016, em Saubara, para historiadora Vanessa Pereira.

<sup>23</sup> O brincar, segundo o Dicionário Brasileiro Globo, significa divertir-se infinitamente; entreter-se dançar; agitar-se em movimento. Para o campo da psicologia, pode ser uma forma de construir relações sociais com outros sujeitos. Para saber mais, consultar, VYGOTSKY.L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

**Figura 5** - As Caretas do Mingau, performando.

Cortejo segue pelas ruas de Saubara durante a madrugada do dia 2 de julho



Fonte: João Pereira, Saubara, 2015.

É através da memória em ação por meio da performance das Caretas do Mingau, que Dona Maria, se percebe vivendo, se aproxima de si mesma, esquece dos problemas e se alegra.

[...] a cultura é agora o meio partilhado necessário, o sangue vital, ou talvez, antes, a atmosfera partilhada mínima, apenas no interior da qual os membros de uma sociedade podem respirar e sobreviver e produzir. Para uma dada sociedade, ela tem que ser uma atmosfera na qual podem todos respirar, falar e produzir; ela tem que ser, assim, a mesma cultura”. (Gellner, 1983, pp. 37-8).

Todavia, se a memória produz para o corpo vida, em uma perspectiva fisiológica. Podemos entender, que a memória das Caretas do Mingau está estreitamente ligada a forma de Dona Maria ser no mundo. Sendo essa ligação com o ser, o fator primordial que gera o sentimento de identidade.

Podemos ter melhor compreensão, sobre a questão, em diálogo com a psicologia social, através principalmente da abordagem psicanalítica. Para Pollak, (1989, p. 5), em relação a essa atmosfera cultural e construção de identidade, existem três elementos:

Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do copo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados.

Sendo assim, a memória das Caretas do Mingau e a sua performance, é de extrema importância, para a vitalização do corpo social de Saubara e unificação dos seus sujeitos sociais.

“De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos”. (POLLAK, 1989, p. 5).

Aquilo que Stuart Hall chama de “Crise de identidade”. Que é “vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas”. (HALL, 1992, p. 1)

Portanto, podemos dizer, que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade. Sendo então, as Caretas do Mingau de Saubara, uma memória profundamente importante para a construção da identidade local, se tornando o ponto de localização dos saubarenses na sociedade, assim, como lugar de reafirmação da identidade negra.

### **3 AS CARETAS DO MINGAU – POR UMA PEDAGOGIA PERFORMÁTICA**

Como teatros da memória, as mulheres saem nas ruas durante a madrugada do dia 1º para o dia 2. A cidade vira palco, e a comunidade local a plateia, que revivem, através dessa performance cultural, marcos da sua própria história.

Assim, como a tradição do boi bumbá, ou como é chamado em Saubara, bumbá meu boi, lugar onde a narrativa, também, ganhou espaço de reprodução, nos possibilitando entender a existência dos povos bantu na diáspora, (Antonaci, 2017)<sup>24</sup>, nos ligando a um tempo passado. As Caretas do Mingau, também, nos permitem entender os desdobramentos da Independência do Brasil, nos conectando a um tempo anterior.

Assim, como no nordeste do Brasil, que as histórias do negro e da região é recitada em cordel desde o século XVIII, (Antonacci. 2017). Através das Caretas do Mingau, a história de Saubara é contada e a história do povo negro é encenada nas ruas.

---

<sup>24</sup> ANTONACCI, M. A. *Memórias ancoradas em corpos negros*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2014.

**Figura 6** - As Caretas do Mingau, nos preparativos para sair pelas ruas. Tradição secular leva mulheres às ruas de Saubara para reviver luta das heroínas da Independência do Brasil na Bahia.



Foto: João Pereira, 2015.

Por mais, que os processos de produção, desde muito tempo, tenda a excluir o povo negro, através de narrativas eurocêntricas e monumentos nas ruas, que homenageiam aqueles, que se tornaram símbolos do poder hegemónico.

As Caretas do Mingau, resistem, contando o indizível, como um mnemónico social, problematizando e gerando possibilidades de recuperação da nossa história, assim, como os seus significados e valores, numa perspectiva de ressignificação, passando por cima das fronteiras epistemológicas do saber, através do seu discurso. “Uma cultura nacional é um discurso - um modo de construir sentidos que influência e organiza tanto: nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. (STUART, 1992, P. 50).

O grito “olha o mingau”, nos remetem as cantigas dos escravizados nas fazendas de café, uma ferramenta para emitir contado, codificada para que somente os escravizados entendessem, (Antonacci, 2017).<sup>25</sup>Os sons, produzidas durante a performance, aos batuques, que pouco foram alvo de pesquisa, mas que eram usados também, como forma de comunicação. O mingau, nos liga ao sentimento de unidade. “o mingau aqui é entendido, como a comida ritual, aquela que reúne pessoas e fortalece o vínculo”. (Perreira, 2017, p 7).

Assim, como os códigos e símbolos usados pelos escravizados, nos revela uma rede de comunicação entre eles, (Trouillot,1995). Os códigos e símbolos presentes na performance cultural das Caretas do Mingau, nos revela também, uma construção de uma rede de relações identitárias e de saberes, que dialogam com os seus sujeitos sociais, segundo Angélica Maria

<sup>25</sup> ANTONACCI, M. A. *Memórias ancoradas em corpos negros*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2014.

da Silva, na sua dissertação de Mestrado. “Toda comunidade que conviveu com a escravidão tem na sua força sociocultural as representações consequentes dos embates ocorrido do seu seguimento histórico, um exemplo é a manifestação “caretas do mingau” (SILVA, 2007 p.62).

Esse diálogo promovido pela performance das Caretas do Mingau é perceptível, pelo ato das mulheres, de ocultarem as suas identidades, para assumirem um papel histórico, de representarem nos seus corpos os processos de resistência e luta política. Trazendo ao presente “memórias subterrâneas”, segundo Antonacci. “Gestual, quando o corpo-político da razão negra se expressa, desatando nichos de memórias subterrâneas encravadas nos corpos da diáspora, em transgressões contínuas à modernidade euro-ocidental”. (ANTONACCI, 2017, p. 7).

É dessa forma, que enquanto uns veem a manifestação cultural, outros veem a manifestação da rebelião, e reivindicação dos direitos civis do povo negro. Segundo (Albuquerque, 2011, p. 140<sup>26</sup>) “[...] enquanto uns veem nos festejos populares a manifestação da tradição, outros veem a manifestação da rebelião e da contestação social [...]”.

Um corpo que diante do racismo epistêmico, se articula enquanto arquivo vivo e ferramenta de ensino, promovendo a descolonização do saber, dissolvendo as ideias de subalternidade do imagético coletivo, “como local de múltiplos discursos para esculpir história, memória, identidade e cultura”. (ANTONACCI, 2017, p. 9).

Ideias que desconfiguram os sujeitos sociais, promovendo a despersonalização deles, de seus corpos e saberes. Assim, a memória viva, através da performance como as Caretas do Mingau, como uma terapia aplicada em processos grupais, reumaniza os seus sujeitos sociais, promovendo a congruência identitária e histórica.

Deste modo, as caretas não se apresentam, simplesmente, com caráter formativo dos seus sujeitos sociais. Mas como “estratégia cognitiva”. Como um referencial positivo, que influência a fisiologia, por meio da sua comunicação com os seus sujeitos sociais, como uma ferramenta de combate as patologias geradas pelo silenciamento da história. Patologias que segundo Le Goff (1924, p. 367), pode causar “perturbações nos indivíduos”:

Por outro lado, num nível metafórico, mas significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva.

---

<sup>26</sup> ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Fragmentos do discurso cultural**: Por uma análise crítica das categorias e conceitos que embasam o discurso sobre a cultura no Brasil.

Uma vez que a história dos homens e mulheres negras são excludentes da historiografia e na falta de um referencial para eles, principalmente na rede de ensino. E preocupação ao longo tempo, segundo Le Goff <sup>27</sup> em criar “instituições-memórias”, para a preservação da história pelo ponto de vista do colonizador. A memória das Caretas do Mingau, como “monumento verbal”, expõe as suas escritas performativas.

oriundas de práticas culturais afro nativas ancestrais aqui traduzidas pela “inteligência do corpo humano”, em sociabilidade sinestésica. Perspectiva que faz do corpo negro “ferramenta para interrogar teologias associadas à ‘branquitude’ e outras manifestações da hegemonia cultural e intelectual do Ocidente. (ANTONACCI, 2017, p. 9).

Revelando o seu caráter pedagógico, para o engajamento intelectual da comunidade. “corpos negros carregam narrativas imagéticas e sonoras, em afiliações que, distantes da retórica discursiva da letra, valem-se de metáforas verbais, visuais e rítmicas, encenando pedagogias performáticas”. (ANTONACCI, 2017, p.9).

Que através de metodologias ativas, como a panela, máscara, mingau e bagaço do dendê, promovem o saber no ato de brincar, palavra mencionada várias vezes durante a entrevista realizada por Vanessa Pereira com Dona Maria das Folhas:<sup>28</sup> “tá ruim, sem animação, eu perdi a graça... Eu que não vou perder a graça nenhuma. Quando eu cheguei já encontrei o mundo [...]. Eu não vou ficar o tempo todo imaginando a vida, que eu não vou dá jeito em nada.... Eu quero é brincar”. (PERREIRA, 2017, p, 37).

Assim, essas “mulheres-memória”, sendo Caretas do Mingau, mas também, “Chefes de família idosos, bardos, sacerdotes”. (Le Goff, p. 371). São também, chamadas por Balandier [1974, p. 207] de "a memória da sociedade".

Que além de ensinar, e se torna um referencial para jovens, homens e principalmente para as mulheres negras. Uma vez que a historiografia não contempla toda a diversidade, assim, como todas as narrativas regionais sobre a participação na Independência da Bahia. A Performance das Caretas do Mingau através de um teatro a céu aberto, conta a história dessa memória gloriosa, se tornando um lugar de encontro com referências, para aqueles que não se veem nas narrativas oficiais, ou representados na historiografia.

<sup>27</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 1924. Tradução, Bernardo Leitão. SP editora. UNICAMP, 1990.

<sup>28</sup> No dia 17 de junho, enquanto eu ainda revisava o artigo, soube que Saubara havia perdido o baluarte das Caretas do Mingau, Dona Maria Das Folhas, com 100 anos de idade, uma mulher empoderada e trabalhadora, a careta do mingau mais velha, que partiu deixando seu legado para a próxima geração.



**Figura 7** - As Caretas do Mingau, envolta da comunidade.

Caretas do Mingau, tirando fotos e distribuindo mingau, em volta da comunidade



Foto: Secretaria de Cultura do Estado da Bahia. 2016.

Ressignificando a história do negro, Assim, como a ressignificação do papel da mulher na história e sociedade, evidenciado o seu protagonismo, na Independência do Brasil, trazendo essa temática para o centro das discussões. Uma vez que, as mesmas. Segundo Pereira (2017) “Participaram da guerra pegando em armas para expulsar as tropas de Madeiro de Mello da Costa Saubareense”.

Desconstruindo as construções eurocêtricas sobre o papel da mulher negra na sociedade e os padrões impostos sobre elas, como o padrão de beleza. Uma vez que as Caretas do Mingau, exerceu empoderamento sem seres vistas, como tal e protagonismo definitivo para a vitória nacional.

Portanto, resgatando memórias e valores que transcendem o âmbito histórico, como guardiões de tradições e símbolos que alimentam a consciência coletiva, transmitindo gerações de conhecimento, como uma pedagogia performativa e pertencimento, como construtora da identidade local, representando tanto a resistência da luta e sacrifício, quanto a alegria da vitória, mantendo vida a chama pela liberdade, as Caretas do Mingau, saem nas ruas nas madrugadas do dia 2 de julho, atravessando gerações.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por tanto, a partir das discussões propostas nesse artigo, podemos entender a importância da manifestação cultural das Caretas do Mingau, para a preservação da memória coletiva e construção da identidade não só saubareense, como nacional. Memória viva, que por

meio da representação cultural, transmite valores, símbolos que reforçam o sentimento de pertencimento e orgulho do povo saubarense, simbolizando a resistência e coragem dos seus sujeitos sociais durante a guerra da Independência da Bahia, ocorrida em 2 julho de 1823.

Tratar sobre a Independência da Bahia, trazer seus personagens, mostrando a participação dos negros e especialmente de mulheres negras como as Caretas do Mingau é necessário para que seus sujeitos sociais, percebam que a história do nosso país não foi construída apenas pelos europeus. Promovendo a revalorização da atuação dos negros nos processos de construção da nossa sociedade.

As ações das Caretas do Mingau na Independência da Bahia, o tempo de reprodução da performance, a história contada sobre esses processos e compartilhamento de conhecimentos ancestrais de gerações passadas, traz à tona narrativas e experiências ocultadas da nossa história em virtude do processo colonial, que através de teorias raciais negaram essas experiências e narrativas. Deste modo, a performance se revela como um referencial positivo, corroborando com o processo de reeducação de pessoas étnico-racial e manutenção da identidade Saubarense.

No entanto, é importante ressaltar, que mesmo com sua importância histórica, invariabilidade e 100 anos de execução, segundo os mais velhos, a performance das Caretas do Mingau, veem sofrendo resistência para serem reconhecidas como patrimônio imaterial do estado. Uma luta, que foi empreendida desde 2015 pelos articuladores das caretas e comunidade local, frente ao IPAC.

Uma vez que, as Caretas do Mingau desempenham um papel fundamental na sociedade de Saubara, e a sua preservação como patrimônio imaterial é de extrema importância, principalmente para garantir que as próximas gerações futuras possam compreender e apreciar a diversidade cultural que moldou a sociedade a qual estão inseridos, assim, como a continuidade dessas identidades culturais, contribuindo para a riqueza nacional.

Nesse sentido, a manifestação das Caretas do Mingau, desempenha um papel vital na preservação da identidade saubarense, promovendo a diversidade e fortalecimento da comunidade. Ao reconhecer, valorizar e preservar a cultura das Caretas o Mingau como patrimônio imaterial, estamos construindo um legado duradouro para as gerações futuras e enriquecendo o tecido cultural do Brasil.

Em resumo, a luta por políticas públicas que reconheçam a performance como patrimônio imaterial visa não apenas proteger e promover a diversidade cultural, mas também fomentar a inclusão social, fortalecer os laços comunitários e contribuir para o desenvolvimento sustentável da nação.

## REFERÊNCIAS

- ANTONACCI, M. A. **Memórias ancoradas em corpos negros**. 2. ed. São Paulo: EDUC, 2014.
- ALMEIDA, VANESSA. P. **A Guerra tem rosto de mulher: as INDE! narrativas da Independência da Bahia em Saubara**. 2017. Tese (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira. 2017.
- ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Fragmentos do discurso cultural: Por uma análise crítica das categorias e conceitos que embasam o discurso sobre a cultura no Brasil**.
- AUN, Yara. **Narrativas de histórias orais na investigação da história social**. Proj. História. São Paulo, (22) jun. 2001. 83-84 p.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Antropologia: diversidade e educação**. Cuiabá/MT:UFMT, 1995.
- BARROS, Judite Santana. **Saubara dos cantos, contos e encantos**. Feira de Santana: Relomaq Gráfica Rápida, 2006.
- CARDOSO, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. Revista de antropologia. SÃO PAULO, USP. v 39, nº 1. 1996, pp. 18-19.
- CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Ed, USP. 1986, 209-215 p.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARLA, Viviane. CARVALHO, Andrea. **NARRATIVAS FEMININAS NA INDEPENDÊNCIA DA BAHIA: um caminho para educação antirracista e decolonial**. Estudos IAT, Salvador, v.5, Edição Especial Prêmio Luís Henrique Dias Tavares, 2020
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Tese (doutorado) em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.
- Dossier do Marechal Pedro Labatut, Affonso Ruy, 1960, ed. Biblioteca do Exército.
- FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- GODOLPHIM, Nuno. **A fotografia como recurso narrativo: Problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul\*–Brasil. 1995, 181 p.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 1924. Tradução, Bernardo Leitão. SP editora. UNICAMP, 1990.
- LIGIÉRO, Zeca. Conceitos de “Motrizes culturais” aplicado às práticas performáticas afro-brasileiras. R. Pós Ci. Soc. V. 8. 2011. 132 p.

LORENA, Joice do Sacramento. **Memórias e Narrativas de Resistência num Recôncavo da Bahia**: As caretas de Acupe – Santo Amaro, São Francisco do Conde. 2016. 55 p.

LUIZA, Ana; Eckert, Cornelia. **Etnografia**: Sabres e práticas. Porto Alegre. 2008.

GUARILHA, Hugo. Os heróis do Brasil: **As Caretas do Mingau de Saubara**. 2009.  
Disponível em: <http://osheroisdobrasil.com.br/variedades/curiosidades/as-caretas-do-mingau-de-saubara/>

PENTEADO, José R. Whitaker. **A técnica da comunicação humana**. 13.ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Revista Dea Ribeiro Fenelan. Proj. história. São Paulo. 14, fevereiro. 1997. 27-31 p.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro. Tradução, Monique Augras. VOL. 5. N. 10. 1994.

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**: Estudos sobre cultura popular tradicional. 2. Ed. Schwarcz Ltda, 2005. 18-19 p.

HALL, Stuart. Desconstrução do Popular: Na história do povo na teoria socialista. Londres. 1981. 259-263 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23.

HAMPATÉ BÂ, Hamadou. **A tradição viva**, em História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 1980, pp.181-218.

HALBWACHS, Marice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

SILVA, Angélica Maria da. **Chegança dos Mouros – A Barca Nova: uma manifestação dramática saubareense**. Salvador: UNEB, 2007